

AS TRÊS CARACTERÍSTICAS (1902)

por Aleister Crowley

Tradução: Alan Michel Willms Quinot.
Título original: *The Three Characteristics*.
1ª edição: 5 de fevereiro de 2021.



<https://www.hadnu.org>

As Três Características

“Ouçam o Jātaka!” disse o Buda. E todos eles prestaram atenção. “Há muito tempo, quando o Rei Brahmadata reinava em Bārānasī¹, vivia sob seu admirável governo um tecelão chamado Sūrya Ji² e sua esposa Caṇḍī³. E na plenitude de seu tempo ela deu à luz um filho homem, e eles o chamaram de Perdu’ R Abu⁴. Bem, a criança cresceu, e as lágrimas da mãe caíam, e a ira do pai crescia: pois de forma alguma o menino teria sucesso em seu negócio de tecelagem. O tear avançava alegremente, mas no ritmo de um mantra, e a seda escorregava por suas mãos, mas como se contasse suas contas. Por causa disso, o trabalho era prejudicado e os corações dos pais sofriam por causa do menino. Mas está escrito que o infortúnio não sabe a hora de acabar, e que a semente do sofrimento é como a semente da figueira-da-índia. Ela cresce e tem a estatura de uma montanha e, ai de mim! ela lança novas raízes na terra machucada. Pois o menino cresceu e se tornou um homem; e seus olhos brilharam com a lascívia da vida e do amor; e o desejo o incitou a ver o mundo e suas muitas maravilhas. Portanto, ele partiu, levando a reserva de ouro de seu pai, guardada para ele para aquele dia amargo; e ele tomou belas donzelas, e foi servo delas. E ele construiu uma bela casa e habitou nela. E ele não pensou. Mas ele disse: ‘De fato, eis uma mudança aqui!’

“Ora, acontece que depois de muitos anos ele olhou para sua amada, a noiva de seu coração, a rosa de seu jardim, a joia de seu rosário; e eis que a beleza verde-oliva da pele lisa escureceu, e a carne se soltou e os seios firmes caíram, e os olhos perderam igualmente o brilho de alegria e a fagulha da risada e o resplendor suave do amor. E ele estava ciente de sua palavra, e disse sofrendo: ‘De fato, eis uma mudança!’ E ele voltou seu pensamento para si, e viu que em seu coração também havia uma mudança: de modo que ele bradou: ‘Quem sou então?’ E ele viu que tudo isso era sofrimento. E ele voltou seu pensamento para fora e viu que todas as coisas eram semelhantes nisso; que nada pode escapar da tríplice miséria. ‘A alma’, disse ele, ‘a alma, o eu, é como todos estes; é impermanente como a efêmera flor da beleza na água que nasce, brilha e morre antes que o sol nasça e se ponha novamente.’

“E ele tornou seu coração humilde e cantou a seguinte estrofe:

¹ A fórmula comum para começar um Jātaka, ou história de uma encarnação anterior do Buda. Brahmadata reinou por 120.000 anos.

² O Sol.

³ A Lua.

⁴ Perdurabo. O mote de Crowley.

Brahma, e Viṣṇu, e grande Śiva! Verdadeiramente,
Vejo que a Trindade habita em todas as coisas,
Algumas corretamente tingidas do Céu, outras devidamente
Inclínadas para o íngreme precipício do Inferno.
Não, vós não tomais vossa glória de fábulas!
Estes três vejo em espírito e sentido,
Estes três, ó miserável observador! Sofrimento,
Ausência de ego e impermanência!

“E com o ritmo ele desmaiou, pois seu velho mantra fluíu para dentro dos vasos há muito selados da memória subconsciente, e ele caiu no oceano calmo de uma grande Meditação.

II.

“Jehjaour⁵ era um magista poderoso; sua alma era trevosa e má; e sua lascívia era por vida e poder e espalhar ódio sobre os inocentes. E aconteceu que ele fitou uma bola de cristal na qual lhe foram mostrados todos os temores dos tempos que ainda não haviam nascido na Terra. E por sua arte ele viu Perdu’ R Abu, que tinha sido seu amigo: não importa o que fizesse, o cristal sempre mostrava aquela jovialidade sensual e frívola como um Medo para ele: mesmo para ele, o Poderoso! Mas os egoístas e os maus são covardes; eles temem as sombras, e Jehjaour não desprezava sua arte. ‘Avance no tempo, ó bola!’ ele bradou. ‘Desça pela correnteza dos anos, servo atemporal e hediondo de minha vontade! Taph! Tath! Arath!’⁶ Ele soou as invocações triplas, as sílabas misteriosas que prendiam o espírito à pedra.

“Então, de repente, o cristal ficou em branco; e assim o feiticeiro frustrado sabia que aquilo que ameaçava seu poder, sua própria vida, era tão elevado e sagrado que o espírito maligno não conseguia perceber. ‘Avaunt!’ ele gritou, ‘falsa alma das trevas!’ E o cristal brilhou em vermelho, o vermelho escuro do ódio na bochecha de um homem, e escureceu completamente.

“Espumando pela boca, o miserável Jehjaour agarrou-se ao ar e caiu deitado.

III.

“A que Deus ele deveria apelar? Seu próprio deus, Hanuman, estava em silêncio. Sacrifício, oração, tudo era em vão. Então Jehjaour rangeu os dentes, e toda a sua

⁵ Allan MacGregor Bennett (cujo mote na “Ordem Hermética da Aurora Dourada” era Iehi Aour, ou seja, “Que haja Luz”), agora Ānanda Metteyya, a quem é dedicado o volume em que esta história foi publicada.

⁶ Taphthartharath, o espírito de Mercúrio.

força saiu em uma poderosa corrente de ódio contra seu ex-amigo.

“Ora, o ódio tem poder, embora não o mesmo poder do amor. Então aconteceu que em seu desespero ele caiu em um transe; e no transe Māra⁷ apareceu para ele. Nunca seus feitiços haviam conseguido invocar uma potência tão terrível do abismo da matéria. ‘Filho’ gritou o Maldito, ‘sete dias de ódio imaculado pela paixão mais branda, sete dias sem um pensamento de piedade, estes servem para me chamar’. ‘Mate meu inimigo para mim!’ uivou o desgraçado. Mas Māra tremeu, ‘Pergunte a Gaṇeśa sobre ele!’ vacilou, por fim, o demônio.

“Jehjaour acordou.

IV.

“‘Sim!’ disse Gaṇeśa sombriamente, ‘o jovem desistiu de mim completamente. Ele me diz que sou tão mortal quanto ele, e ele não pretende mais se preocupar comigo.’ ‘Ai dele!’ suspirou o enganoso Jehjaour, que não se importava mais com Gaṇeśa e quaisquer indignidades que pudessem ser oferecidas a ele do que seu inimigo. ‘Também era um dos meus melhores devotos!’ murmurou, ou melhor, trompeteou o anacronismo elefantino. ‘Veja’, disse o mago astuto, ‘eu vi Perdu’ R Abu outro dia, e ele disse que havia se tornado Śrotāpatti. Isso é muito sério. Em apenas sete nascimentos, se ele seguir o caminho, ele deixará de renascer. Portanto, você só tem esse tempo para reconquistá-lo para seu culto’. O astuto feiticeiro não mencionou que dentro desse tempo também sua própria ruína se concretizaria. ‘O que você aconselha?’ perguntou a divindade irritada e poderosa, mas pouco inteligente. ‘O tempo é nosso amigo’, disse o feiticeiro. ‘Utilize sua influência nos Salões de Nascimento para que cada nascimento seja o mais longo possível. Ora, o elefante é o mais longevo de todos os animais’ – ‘Temos um acordo!’ disse Gaṇeśa com grande alegria, pois a ideia lhe pareceu engenhosa. E ele se afastou pesadamente para encerrar o caso imediatamente.

“E Perdu’ R Abu faleceu.

V.

“Agora o grande elefante caminhava com passos majestosos na floresta, e Jehjaour se fechou com seus caldeirões e parafernálias e se sentiu muito feliz, pois sabia que seu perigo não estava perto até que Perdu’ R Abu se aproximasse da condição de Arahant. Mas, apesar das elefantas jovens andando suavemente que Gaṇeśa teve o cuidado de jogar em seu caminho, apesar dos brotos tenros de pasto e das amêndoas de cacau macias, este elefante não era como os outros elefantes. As estações falavam a ele

⁷ O arquidemônio dos budistas.

de mudança – a floresta está sempre cheia de sofrimento – e ninguém precisa pregar a ele a ausência de um ego, pois os brutos tiveram mais bom senso do que nunca para imaginar que existia um. Assim, o paquiderme costumava ser encontrado, imóvel como uma rocha, em algum lugar isolado, meditando sobre as Três Características. E quando Gañeśa apareceu em toda a sua glória, ele o encontrou, para seu desgosto, completamente livre do elefantomorfismo. Na verdade, ele silenciosamente pediu ao Deus que o deixasse em paz.

“Agora ele ainda era um elefante jovem quando entrou na selva, viajando alegremente, com uma canção alegre em seu nucléolo, nada menos que um Bacilo.

“E o elefante morreu. Ele tinha apenas dezessete anos.

VI.

“Após uma breve consulta; o Śrotāpatti reencarnou como um papagaio. Pois o papagaio, disse o malvado Jehjaour, pode viver 500 anos e nunca se dar conta.

“Então uma maravilha alada cinzenta voou para a selva. Um pássaro tão alegre, pensou o Deus, não poderia evitar ser influenciado pelas paixões comuns e render-se à tal majestade como a sua.

“Mas um dia entrou na selva uma estranha figura selvagem. Ele era um homem vestido à estranha moda tibetana. Ele tinha túnicas vermelhas e um chapéu, e pensava em coisas obscuras. Ele girava uma roda de orações em suas mãos; e sempre, conforme caminhava, ele murmurava as palavras místicas ‘Aum Maṇi Padme Hūṃ’⁸. O papagaio, que nunca tinha ouvido a fala humana, tentou imitar o velho Lama e ficou surpreso com seu sucesso. O orgulho primeiro se apoderou do pássaro, mas não demorou muito para que as palavras tivessem seu próprio efeito, e foi meditando sobre as condições da existência que ele repetiu eternamente a fórmula.



“Uma casa no distante Inglistan⁹. Uma senhora idosa e um papagaio cinza em uma gaiola. O papagaio ainda murmurava de forma inaudível o mantra sagrado. Agora, agora, o momento do Destino estava próximo! As Quatro Nobres Verdades brilharam na mente daquele papagaio; as Três Características pareciam luminosas, como três espectros no túmulo de um assassino: incapaz de se conter, recitou em voz alta a sentença

⁸ “Aum maṇi padme hūṃ” = “Ó a Joia do Lótus! Aum!” A mais famosa das fórmulas budistas.

⁹ «Uma forma de chamar a Inglaterra usada na Índia, Paquistão e alhures.»

misteriosa.

“A velha senhora, quaisquer que sejam seus defeitos, poderia agir prontamente. Ela tocou a campainha. ‘Sara!’ disse ela, ‘tire essa criatura terrível daqui! Seu linguajar é positivamente horrível.’ – ‘O que devo fazer com ele, mãe?’ perguntou o ‘general’. ‘Aum Maṇi Padme Hūṃ’, disse o papagaio. A velha tapou os ouvidos. ‘Quebre seu pescoço!’ disse ela.

“O papagaio tinha apenas oito anos.

VII.

“‘Você é um tolo e um idiota!’ disse o Deus enfurecido. ‘Por que não torná-lo uma coisa espiritual? Um Nat¹⁰ vive 10.000 anos’. ‘Faça dele um Nat então!’ disse o magista, já começando a temer que o destino fosse forte demais para ele, apesar de toda sua astúcia. ‘Há alguém trabalhando contra nós no plano físico. Precisamos transcendê-lo’. Mal havia dito e já havia sido feito: uma família de Nats em uma grande árvore em Anurādhapuraya teve um pequenino estranho, muito esperado pela mamãe e papai Nats.

“De fato, a família era abençoada. A quarenta e cinco pés¹¹ de distância havia uma dágaba¹² muito antiga e sagrada: e os filhos da luz se reuniam em torno dele no frescor da noite, ou no glamour enevado do amanhecer, e se voltavam com amor e piedade para com toda a humanidade, não, até mesmo para com o menor grão de poeira lançado nas tempestades extremas do Saara!

“Abençoados e ainda mais abençoados! Pois um dia veio um santo Bhikṣu da terra do Pavão¹³, e iria morar no oco da própria árvore onde eles habitavam. E o pequeno Perdu’ R Abu costumava afastar os mosquitos com a finura de suas asas, para que o homem bom pudesse ficar em paz.

“Agora o Governo Britânico morava naquela terra, e quando soube que havia um Bhikṣu morando em uma árvore e que o povo da aldeia lhe trazia arroz, cebolas e gramofones, viu que isso não deveria acontecer.

“E o pequeno Perdu’ R Abu os ouviu falar; e aprendeu o grande segredo da

¹⁰ O nome birmanês para um espírito elemental.

¹¹ O Governo, para o interesse dos próprios budistas, reserva todo o terreno a menos de 50 pés de uma dágaba. O incidente descrito nesta seção realmente ocorreu em 1901.

¹² «Também chamada de estupa, chedi e pagode; um monumento construído sobre os restos de uma figura religiosa importante, costumeiramente num formato de abóbada ou torre.»

¹³ Sião.

Impermanência, do Sofrimento e o mistério da Insubstancialidade.

“E o Governo expulsou o Bhikṣu; e colocou guardas, assim como no final de Gênesis 3, e cortou a árvore, e todos os Nats pereceram.

“Jehjaour ouviu isso e estremeceu. Perdu’ R Abu só tinha três anos de idade.

VIII.

“Realmente parecia que o destino estava contra ele. Pobre Jehjaour! Em desespero, ele choramingou com seu parceiro: ‘Ó Gaṇeśa, só estaremos seguros no mundo dos Deuses. Que ele nasça como uma flautista diante do trono de Indrā!’ – ‘Esta tarefa é difícil’, respondeu a divindade alarmada, ‘mas usarei toda a minha influência. Sei uma ou duas coisas sobre Indrā, por exemplo —’

“Assim foi feito. Belo era o rosto da jovem quando ela já nasceu madura do ventre da Matéria, em sua jornada de vida de cem mil anos. De todas as flautistas de Indrā, ela tocava e cantava mais doce. No entanto, alguma lembrança, turva como um fantasma pálido que voa pelas longas avenidas de deodar e luar, envolveu o cérebro dela; e sua canção era sempre de amor e de morte e de música do além.

“E um dia, enquanto ela assim cantava, a verdade profunda envolveu o ser e ela conheceu as Nobres Verdades. Então ela voltou sua flauta para a nova música, quando – que horror! – havia um mosquito na flauta. ‘Trauteado! Trauteado!’ ela começou. ‘Zumbido! Zumbido!’ foi o mosquito das próprias partes vitais de seu tubo delicado.

“Indrā não estava se um disco¹⁴. Ai de mim! Jehjaour, já estás preparando tuas armadilhas? Ela só havia vivido oito meses.

IX.

“‘Como você é incompetente!’ rosnou Gaṇeśa. ‘Felizmente estamos em uma posição melhor desta vez. Indrā foi guilhotinado por seu assassinato covarde; portanto, seu lugar está vago’. ‘Eureca!’ gritou o mago, ‘a própria virtude dele o salvará do destino de seu predecessor’.

“Contemplem então Perdu’ R Abu como Indrā! Mas, ó, puxa vida! que memória ele estava adquirindo! ‘Parece-me’, ele meditou, ‘que tenho mudado muito ultimamente. Bem, eu sou virtuoso – e eu li na nova tradução do *Dhammapada*¹⁵ feita por

¹⁴ Um disco giratório é a arma simbólica de Indrā.

¹⁵ Ele o abandonou. Alguns fragmentos foram reimpressos, suprā «nos *Collected Works of Aleister Crowley*, Vol. II».

Crowley que a virtude é aquilo que mantém alguém estável. Portanto, acho que posso esperar a posse de meu Mahākalpa com uma simplicidade quase arcadiana. Você disse Senhora Bhavānī, garoto? Sim, estou em casa. Traga o bétele!’ ‘Jeldi¹⁶!’ acrescentou ele, com alguma vaga lembrança do Governo Britânico, quando era um bebê Nat.

“A Rainha dos Céus e o Senhor dos Deuses mastigaram bétele por muito tempo, conversaram sobre o tempo, as colheitas, o caso Humbert¹⁷ e a lei em relação aos automóveis, com facilidade e afabilidade. Mas estava longe da mente piedosa de Indrā flertar com sua distinta convidada! Em vez disso, ele pensava na natureza vazia do Cofre, a mudança do dinheiro e da posição; a tristeza dos banqueiros que confiavam e, acima de tudo, a ausência de um Ego nos Irmãos Crawford.

“Enquanto ele estava assim meditando, Bhavānī ficou bastante brava com ele. O Sprētae Injūriā Fōrmae¹⁸ mastigou os órgãos vitais dela com dores insuportáveis: então, sacudindo-o com força pelo braço, ela Explicou Claramente a Ele. ‘Ó Madame!’ disse Indrā.

“Esta parte da história já foi contada antes – sobre José; mas Bhavānī simplesmente estendeu a língua, abriu a boca e engoliu-o de uma vez só.

“Jehjaour simplesmente chafurdou. Indrā havia morrido em sete dias.

X.

“‘Há apenas mais um nascimento’, gemeu ele. “Desta vez precisamos vencer ou morrer’. ‘A *Goetia*¹⁹ espera que cada Deus cumpra o dever dele’, lunografou com entusiasmo para o Svarga²⁰. Mas Gaṇeśa já havia partido.

“O Deus com cabeça de elefante estava de ótimo humor. ‘Nunca diga morrer!’ ele gritou alegremente, ao ver a aparência abatida de seu companheiro conspirador. ‘Isso resolverá o problema. Não há mudanças no Arūpa Brahmāloka²¹!’ – ‘Não me rupe as minhas rúpias²²!’ uivou o necromante. ‘Levante-se, idiota!’ rugiu o Deus. ‘Eu

¹⁶ «Também *jilty*, *jildy*, uma expressão usada pelos soldados britânicos estacionados na Índia. Significa “rápido!”»

¹⁷ «O caso da golpista francesa Thérèse Humbert (1856-1918). Ela supostamente teria salvado a vida de um milionário americano chamado Robert Crawford, que ficaria eternamente grato. Dois anos depois ele teria falecido, e deixado um cofre com sua fortuna como herança para a família Humbert, desde que a irmã de Thérèse pudesse se casar com um dos sobrinhos de Crawford quando tivesse a idade apropriada. Durante muitos anos Thérèse fez empréstimos e levou uma vida de luxo tendo o cofre como garantia. Finalmente, quando suspeitas se levantaram e finalmente a abertura do cofre foi ordenada, ele estava vazio.»

¹⁸ «Latim para “insulto da beleza desprezada”.»

¹⁹ O mundo da magia negra.

²⁰ Céu.

²¹ O céu mais alto dos hindus. Lugar sem forma de Brahma é seu nome.

²² «Escrito como *rupe me no rupe* no original. Não encontramos tradução do inglês para a palavra *rupe*. Acreditamos que

fiz Perdu’ R Abu ser eleito Mahābrahmā’. – ‘Ó Senhor, de verdade?’ disse o mago, parecendo um pouco menos taciturno. ‘Sim!’ gritou Gaṇeśa impassível, ‘que Êon após Êon passe pelos corredores abobadados e ecoantes da Eternidade: empilhe Mahakalpa sobre Mahakalpa até que um Asankhya²³ de Crores²⁴ tenha morrido: e Mahābrahmā ainda se sentará sozinho e meditará em seu trono de lótus’. – ‘Bom, bom!’ disse o mago, ‘embora pareça que haja uma reminiscência do *Bhagavad Gītā* e da *Luz da Ásia*²⁵ em algum lugar. Certamente você não lê Edwin Arnold?’ – ‘Eu leio’, disse o Deus desconsolado, ‘nós, Deuses hindus, temos que ler. É a única maneira de termos uma ideia clara de quem realmente somos’.

“Bem, aqui estava Perdu’ R Abu, após seu último fiasco, instalado como um Mahābrahmā Digno, Respeitável, Perfeito, Antigo e Aceito, Justo e Regular. Seu único afazer era meditar, pois enquanto ele fizesse isso, os mundos – todo o sistema de 10.000 mundos – seguiriam pacificamente. Ninguém teria compreendido melhor a lição da Bíblia – sobre os horríveis resultados para a humanidade de uma inoportuna, embora possivelmente bem-intencionada, interferência por parte de uma divindade.

“Bem, ele se enrolou, o que era bastante inteligente para uma abstração amorfa, e começou. Havia uma grande dificuldade em sua mente – um obstáculo logo após a palavra ‘Pule!’ Claro que havia realmente vários deles: ele não sabia onde os quatro elementos cessavam, por exemplo²⁶: mas sua própria identidade era a verdadeira preocupação. As outras perguntas ele conseguiria silenciar; mas esta estava muito perto de seu Cakra de estimação²⁷. ‘Aqui estou’, ele meditou, ‘acima de qualquer mudança; e ainda uma hora atrás eu era Indrā; e antes disso sua flautista; e então um Nat; e então um papagaio; e então um Hāthī – Ó, o Hāthī empilhando teca no riacho lamacento e escorregadio!’, cantou Parameśvara. Ora, porque isso retrocede mais e mais, como uma biografia fora de ordem, e não há nenhum tipo de conexão entre uma e outra. Olá, o que é isso? Veja, há um homem santo perto daquela árvore Bo. Ele vai me dizer o que tudo isso significa’. Pobre velho e tolo Senhor do Universo! Se ele tivesse levado sua memória mais um passo trás, ele saberia tudo sobre Jehjaour e a conspiração, e que ele era um Śrotāpatti e teria apenas mais um nascimento e poderia muito bem ter adicionado as 311.040.000.000.000 de miríades de êons que transcorreriam antes do almoço em regozijo com sua aniquilação iminente.

o jogo de palavras envolva a palavra *rupee* (rupia, moeda indiana).»

²³ “Inumerável”, a unidade mais elevada da fantástica aritmética hindu.

²⁴ 10.000.

²⁵ «*The Light of Asia*, por Sir Edwin Arnold.»

²⁶ Consulte a espirituosa lenda em *As Perguntas do Rei Milinda*.

²⁷ Pode-se meditar sobre em qualquer um dos sete “Cakras” (rodas ou centros) do corpo.

“‘Venerável Senhor!’ disse Mahābrahmā, que assumira o disfarce de um vaqueiro, eu beijo as vossas veneráveis Trílies²⁸: prostro-me perante a vossa eminente respeitabilidade’. – ‘Senhor’, disse o santo homem, ninguém menos que Nosso Senhor! ‘tu procuras a iluminação!’ Mahābrahmā sorriu e admitiu. ‘Do negativo ao positivo’, explicou o Três Vezes Honrado, ‘por meio da Existência Potencial, vibra eternamente o Absoluto Divino da Unidade Oculta de forma processional mascarada no Abismo Eterno do Incognoscível, o hieróglifo sintético de um PRESENTE ilimitado, sem passado e sem futuro.

“‘Até os limites mais extremos do espaço corre a voz de Eras inéditas, exceto na unidade concentrada do abstrato formulado pelo pensamento; e eternamente essa voz formula uma palavra que é glifada no vasto oceano de vida ilimitada²⁹. Fui claro?’ – ‘Perfeitamente. Quem diria que tudo era tão simples?’ O Deus pigarreou e prosseguiu com certa timidez, até envergonhado:

“‘Mas o que eu realmente queria saber era sobre minha encarnação. Como é que eu subi tão repentinamente da mudança e da morte para o imutável?’

“‘Criança!’ respondeu Gautama, ‘seus fatos estão errados – você não pode esperar fazer deduções corretas’. – ‘Sim, você pode, desde que seus métodos lógicos não sejam sólidos. Essa é a maneira cristã de obter a verdade’. – ‘Realmente!’ respondeu o sábio, ‘mas muito pouco eles obtêm. Aprenda, ó Mahābrahmā (pois eu vejo além deste disfarce), que todas as coisas existentes, mesmo de ti até este grão de areia, possuem Três Características. Estas são Mutabilidade, Sofrimento e Insubstancialidade’.

“‘Tudo bem quanto à areia, mas e quanto a Mim? Ora, eles me *definem* como imutável’. ‘Você pode definir uma observação sarcástica como sendo um triângulo de dois lados’, replicou o Salvador, ‘mas isso não prova a existência real de tal oxímoro³⁰. A verdade é que você é uma espécie de ser muito espiritual e vítima da longevidade. A vida dos homens é tão curta que a sua parece eterna em comparação. Mas – ora, *você é* alguém legal para se conversar! Você estará morto daqui a uma semana’.

“‘Eu aprecio muito a força de seus comentários!’ disse o aparente vaqueiro; ‘isso sobre as Características é muito inteligente; e curiosamente, minha percepção disso sempre precedeu minha morte nas últimas seis tentativas’.

“‘Bem, até logo, meu velho’, disse Gautama, ‘eu realmente preciso ir. Tenho um encontro com o Irmão Māra na Árvore Bo. Ele prometeu apresentar suas filhas encantadoras –’

²⁸ Pés.

²⁹ Esta peça surpreendente de babsoeira bombástica é literalmente de uma nota de S. L. Mathers para o “A Kabbalah Revelada”.

³⁰ Uma contradição de termos.

“Adeus e não faça nada precipitado!”

“Alegrai-vos! nosso Senhor foi até a Árvore³¹! Como um versículo em branco, não explora muito bem, mas mostra claramente o que aconteceu.

XI.

“O ‘Décimo Nono Mahākalpa’ trouxe seu número de abril. Havia um artigo de Huxlananda Svāmī³².

“Mahābrahmā nunca foi muito mais do que uma ideia. Ele viveu só seis dias.

XII.

“Na hora da grande Iniciação”, continuou o Buda, no meio dos Quinhentos Mil Arahants, “o perverso Jehjaour juntou-se a Māra para impedir a descoberta da verdade. E nas quedas de Māra ele caiu. Naquele momento todas as correntes de seu contínuo e concentrado Ódio recuaram sobre ele e ele caiu no Abismo do Ser. E nos Salões do Nascimento ele foi lançado no Inferno mais Baixo – ele se tornou um clérigo da Igreja da Inglaterra, mais longe do que ele já havia estado antes da Verdade e da Luz e da Paz e do Amor; mais e mais profundamente enredado na rede da Circunstância, atolado na lama de Taṇhā³³ e Avidyā³⁴ e todas as coisas inferiores e vis. O falso Vicikicchā³⁵ finalmente o pegou!

XIII.

“Sim! A hora estava próxima. Perdu’ R Abu reencarnou como filho de pais ocidentais, ignorante de todo o seu maravilhoso passado. Mas um estranho destino o trouxe a esta aldeia”. O Buda fez uma pausa, provavelmente para causar uma impressão.

Um jovem ali, o único entre eles que ainda não era um Arahant, empalideceu. Ele era o único de nascimento ocidental em toda aquela multidão.

³¹ Arnold, *Light of Asia*.

³² «Em abril de 1860, Thomas Henry Huxley publicou um artigo chamado de “A Origem das Espécies”, baseado nas teorias de Charles Darwin, no periódico *The Westminster Review*.»

³³ Sede: ou seja, desejo em seu sentido maligno.

³⁴ Ignorância.

³⁵ Dúvida.

“Irmão Abhāvānanda³⁶, meu amiguinho”, disse o Buda, “o que podemos pre-dicar de todas as coisas que existem?” “Senhor!” respondeu o neófito, “elas são instá-veis, tudo é sofrimento, nelas não há Princípio interior, como alguns fingem, que possa evitar, que possa mantê-la afastada das forças da decadência”.

“E como você sabe disso, irmãozinho?” sorriu o Três Vezes Honrado.

“Senhor, eu percebo esta Verdade sempre que considero o Universo. Mais ainda, sua consciência parece estar enraizada em minha própria natureza, talvez por eu ter conhecido isso por muitas encarnações. Nunca pensei o contrário”.

“Levante-se, Sir Abhāvānanda, eu te chamo de Arahant!” bradou o Buda, gol-peando o neófito fortemente nas costas com a parte plana de sua orelha³⁷.

E ele percebeu.

Quando os aplausos, louvores e glórias diminuíram um pouco, o Buda, naquele deleite dourado do pôr do sol, explicou esses eventos maravilhosos. “Tu, Abhāvānanda”, disse ele, “és o Perdu’ R Abu de minha longa história. O perverso Jehjaour tem algo remanescente com óleo fervente, enquanto espera por suas roupas clericais: enquanto, quanto a mim, eu mesmo era o Bacilo na floresta de Lanka: eu era a velha Senhora: eu era (ele estremeceu) o Governo Britânico: eu era o mosquito que zumbia na flauta da garota: eu era Bhavānī: eu era Huxlananda Svāmī; e finalmente, nesta hora abençoada, eu sou – aquilo que sou”.

“Mas, Senhor”, disseram os Quinhentos Mil e Um Arahants em um só fôlego, “então tu és culpado de seis mortes violentas! Não, tu tens perseguido uma alma de morte a morte por todas estas encarnações! E quanto ao seu Primeiro Preceito³⁸?”

“Filhos”, respondeu o Glorioso, “não sejais tolos de pensar que a morte é ne-cessariamente um mal. Não vim fundar um Clube dos Cem Anos e incluir os mosquitos entre os membros. Neste caso, manter Perdu’ R Abu vivo seria fazê-lo cair nas mãos de seus inimigos. Meu Primeiro Preceito é apenas uma regra geral³⁹. Na maioria dos casos, deve-se certamente abster-se de destruir a vida, isto é, arbitrária e delibera-damente: mas não consigo beber um copo d’água sem matar incontáveis miríades de seres vivos. Se vocês conhecessem como eu as condições da existência: luta mortal e inevi-tável, cada forma de vida é o inimigo inerente e imitigável de todas as outras, com

³⁶ “Bem-aventurança da não existência”. Um dos nomes orientais de Crowley.

³⁷ O Buda tinha orelhas tão longas que podia cobrir todo o rosto com elas. As orelhas se referem ao Espírito no simbolismo hindu, de modo que a lenda significa que ele poderia ocultar os elementos inferiores e habitar apenas neste.

³⁸ Aqui está a pequena fenda dentro do alaúde que alienou Crowley do trabalho ativo nas linhas budistas; o ortodoxo não consegue entender sua atitude.

³⁹ Uma ideia mais provável que o absurdo brilhantemente lógico de Pansil, supra «*The Sword of Song*».

poucas, poucas exceções, vocês não apenas deixariam de falar sobre a maldade de causar a morte, mas perceberiam a Primeira Nobre Verdade, que nenhuma existência pode estar livre do sofrimento; a segunda, de que o desejo pela existência só leva ao sofrimento; que a cessação da existência é a cessação do sofrimento (a terceira); e vocês buscariam na quarta o Caminho, o Nobre Caminho Óctuplo.

“Eu sei, ó Arahants, que vocês não precisam desta instrução: mas minhas palavras não ficarão aqui: elas seguirão adiante e iluminarão todo o sistema dos dez mil mundos, onde Arahants não crescem em cada árvore. Irmãozinhos, a noite recaiu: seria bom dormirmos”.

Notas desta Tradução

As Três Características foi escrito por Aleister Crowley em 1902, e originalmente publicado como *The Three Characteristics*, como uma parte de *The Sword of Song*, em seu *The Collected Works Volume II*, em 1906.

A presente tradução foi feita com base em um fac-símile do texto original. Os termos indianos foram modernizados de acordo com o sistema de romanização da Biblioteca Nacional de Calcutá.

As notas entre «ângulos duplos» foram escritas pelo tradutor.